

PRODUZIR LEITE É BOM NEGÓCIO?

Sebastião Teixeira Gomes¹

Freqüentemente se diz que produzir leite, no Brasil, não é bom negócio, em razão do pequeno lucro, ou até mesmo do prejuízo que essa atividade dá ao produtor.

Entretanto, as estatísticas da produção nacional indicam aumentos significativos da produção. Nos últimos três anos, a produção de leite No Brasil aumentou 1,5 bilhão de litros, por ano. Para se ter uma idéia desse aumento, basta compará-lo com o da Argentina. Nesse mesmo período, naquele país, o aumento da produção foi de 300 milhões de litros, por ano. Isso significa que o aumento anual da produção de leite, no Brasil, foi cinco vezes maior que o da Argentina.

Na raiz da explicação do aparente paradoxo (negócio ruim e aumento da produção) está a estrutura da produção de leite do Brasil, onde muitos produzem pouco e poucos produzem muito. Os produtores de até 50 litros de leite/dia correspondem a 50% do número total de produtores, mas respondem por apenas 10% da produção. No outro extremo, os produtores de mais de 200 litros de leite/dia correspondem a apenas 10% do número total, porém respondem com 50% da produção.

A estrutura assimétrica da produção é também responsável por conclusões equivocadas de alguns analistas, sobre o comportamento da produtividade do rebanho nacional. Não é correto concluir que a produtividade de leite do Brasil esteja estagnada, baseando-se apenas em médias altamente influenciadas pela maciça presença de pequenos produtores, que são muitos, mas produzem pouco. Eles devem ser excluídos no cálculo da média, para se analisar corretamente o comportamento da produtividade.

Análises segmentadas indicam que pelo menos a metade dos produtores de leite do Brasil está totalmente estagnada em termos de produção e produtividade. Em razão dessa estagnação, a participação destes na produção total vem reduzindo, a cada ano. Há 20 anos, eles (os pequenos produtores) respondiam com 30% da produção nacional, enquanto hoje respondem com apenas 10%.

Diante de tal realidade, é fácil compreender a afirmativa de que produzir leite não é bom negócio. Com certeza, para muitos produtores realmente não é. Porém, para outros, é um excelente negócio. Estes últimos são responsáveis pelo enorme

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 1.º/09/97.

crescimento da produção de leite do país, mesmo porque não se admite a idéia de irracionalidade econômica do produtor.

Essa mesma questão pode ser examinada de outra forma, comparando-se os dados de lucro do produtor de leite em três países, conforme dados da Tabela 1.

Antes de se discutirem os dados, algumas notas metodológicas: a) lucro resulta da diferença entre renda bruta e custo de produção; b) renda bruta é composta pelo valor da produção de leite e pela venda de animais; c) no custo de produção, além dos gastos diretos, que implicam desembolso do produtor, estão incluídos o pagamento da mão-de-obra familiar, e a depreciação dos investimentos e a remuneração.

Agora, os dados da Tabela 1. Dos países considerados, o produtor do Brasil é o que tem o maior lucro médio, 5,0 centavos de dólares por litro; porém é o de menor lucro por ano, com apenas 1.080 dólares. Isto porque a produção média do Brasil (60 litros/dia) é 17 vezes menor que a da Argentina e 30 vezes menor que a dos Estados Unidos. No leite, tamanho (leia-se volume de produção) é documento.

Finalmente, uma análise do aumento da produtividade, condição necessária, mas não suficiente, para o leite ser bom negócio. Alguns técnicos têm o aumento da produtividade como um fim, o que não é correto. Ele deve ser entendido como um meio para aumentar a produção e, principalmente, o lucro total. Com esse entendimento, muitas orientações que hoje são repassadas aos produtores deverão ser modificadas.

Tabela 1 - Lucratividade da produção de leite

Países	Produção média (litros/dia)	Lucro médio			
		Centavos de dólar/litro	Dólar/dia	Dólar/mês	Dólar/ano
Brasil ¹	60	5,0	3,0	90	1.080
Argentina ²	1.000	4,0	40	1.200	14.400
EUA ³	1.800	3,0	54	1.620	19.710

Fonte: ¹ GOMES, S.T. Pesquisa direta. 1996.

² GALETTO, A. INTA. 1996.

³ NASS-USDA, 1996.